

de Arthur Faustino - julho 2000

1.6 As Alminhas

“As «alminhas» são singelos monumentos da piedade popular, erguidos à beira dos caminhos.

É nome atribuído a pequenas imagens, pinturas e painéis que se destinam a solicitar orações e crenças pelas almas dos mortos do Purgatório. A origem deste culto encontra-se nas confrarias das almas, o qual foi pregado e desenvolvido pela Contra-Reforma. Estes painéis de características populares tiveram origem na arte erudita dos grandes pintores. É vulgar encontrarem-se neles representados, além de símbolos religiosos, homens e mulheres de diferentes raças e classes sociais, representantes eclesiásticos, todos envolvidos pelas chamas do Purgatório.”

(Nova Enciclopédia Portuguesa, Volume 2, página 108)

As Alminhas da Presa

No dia 16 de Novembro de 1847 na relação dos bens da Paróquia estão descritas para além das já mencionadas capelas do Calvário e Boa Nova, «*Huma dita denominada das almas da Preza*», de que estava encarregado de guarda aos seus utensílios Domingos Pereira Mendes, cujos únicos bens eram «*Huma Linterna*» (lanterna).

É neste ano que nos aparece nos próprios arquivos da freguesia o primeiro documento manuscrito que se relaciona com uma capelinha ou alminhas que existiu à quase século e meio na nossa freguesia, então denominada como a capelinha das “*Almas da Presa*”.

À primeira vista os pormenores dados onde se teria localizado estas alminhas não parecem ser tomados como muito corretos, porque o chamado rio da «Presa» não estará bastante definido. Mas tudo dá indícios de que ele assim fosse considerado desde o local do largo da «Bicha», a nascente do lugar dos Covelos, onde se encontra a presa que faz a levada para o moinho do Henrique da Moleira e teria o seu limite para poente nas proximidades da ponte do Loureiro, este um dos locais por onde passa a ribeira. Vulgarmente seria denominado de rio da Presa dado o número de moinhos existentes nas suas margens em todo o percurso, o que daria origem a que no rio fossem levantadas diversas represas para as levadas de água correr e fazer mover os moinhos. As presas que indicam indícios de construção mais antiga, são as dos moinhos do Rotão e do Vita. A partir daqui, o rio deveria já ser considerado como o rio da «Presa». No entanto não devemos avançar muito de que assim fosse.

“No dia 18 de Dezembro de 1885, deu entrada nesta Junta um requerimento de António Gonçalves, desta freguesia, em que pede que lhe seja concedido por alinhamento um pedaço de terreno baldio, que fica junto à sua leira de lavradio do Rio da Preza, no lugar dos Covelos, desta freguesia. A Junta depois de ter ido em vistoria ao local do terreno, deliberou conceder-lho, tendo-o demarcado, e estipulhou-lhe a quantia de dez mil reis, impondo-lhe a Junta um passeio ao longo da sua dita propriedade, para transito publico.”

Vulgarmente, os documentos que se referem ao rio ou ao lugar da Presa, localizam este como no lugar do Novo e onde se encontra a velha ponte, assim como uma presa no rio junto da casa do falecido Manuel Pesqueno. O documento acima refere o dito rio no lugar dos Covelos e como sabemos este lugar abrange parte da margem esquerda do rio que vai desde as Escadas dos Covelos até ao limite da antiga fonte da Piedade.

Concretamente estaremos perante o caso das ditas «alminhas da Presa» em épocas passadas ter ficado realmente localizada no dito lugar do Novo. De



Seria esta presa que deu nome ao rio e às Alminhas da Presa que existiram no largo da «Bicha»?...

facto, segundo dizem os nossos velhos, naquele largo e na margem do rio existiam umas alminhas com dimensões vulgares, e segundo quem a conheceu, diz que dentro dela havia um painel de madeira pintada que simbolizava a Bicha-das-Sete-Cabeças. Ouvimos dizer da boca de alguém o seguinte: «quando era menina e por lá passava com minha mãe ela pedia-me para eu não olhar para as alminhas». Por outro lado ouvimos ainda a opinião de que o painel interior teria um motivo pio e não demoníaco, mas qual o povo já não recorda. Um facto verdadeiro é que o painel da bicha existiu mesmo, porque é voz muito corrente nas várias pessoas que dele se lembram. A velhinha Maria do Bolera até diz que foi o paizinho dela que queimara o painel no forno para cozer o pão. Sobre estas afirmações somos obrigados de as levar para meras conjecturas.



Casa com o painel em azulejo com a figura da «Bicha». O monumento às «Alminhas da Presa» ficava nas imediações.

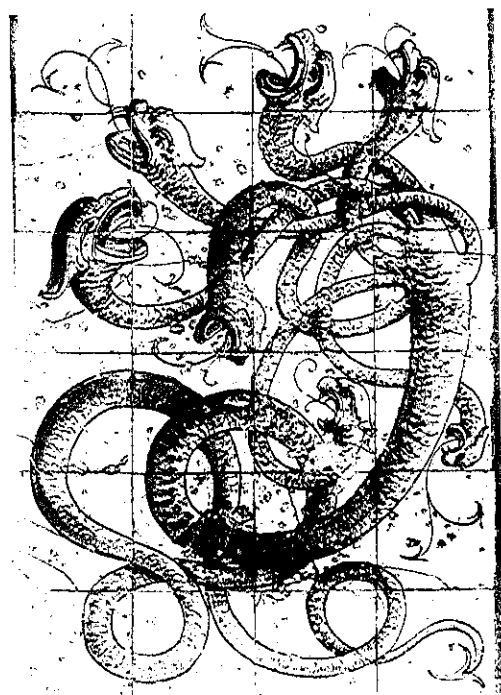
“No dia 5 de Dezembro de 1886, pelo vogal Luiz Alves da Silva, foi dito que alguns moradores da Paróquia se haviam queixado, e elle proprio tinha disso conhecimento, de que Antonio Alves do Traco, desta freguezia, com certa obra que fizera para mudança do chamado rio da presa em sitio confrontando com propriedade sua, para annexar a esta uma porção de terreno baldio, havia prejudicado o transito publico.”

Ora, este documento não nos dá o local exacto de onde a ocorrência teve lugar, mas sabemos que as gerações «Traco» em questão viveram no lugar da Aldeia e um deles era o lavrador já falecido conhecido pelo Diamantino. A queixa pode estar relacionada com um seu antepassado que teria propriedades junto ao rio e assim estaremos num caso de que o nome de presa continuaria mais para poente do largo da Bicha.

Será que estas teses estarão correctas e assim estaremos de facto no caminho de que as alminhas seriam a simbolização da Bicha-das-Sete-Cabeças?...

1903 Janeiro 12 - Pedido de demolição da capelinha do Rio da Presa

O presidente da Junta de Paróquia de Silvalde na sessão do dia 12 de Janeiro de 1903 disse «que lhe fora participado por um vereador da Camara Municipal que estava encarregado de dirigir as obras de reparação d'um caminho municipal que passa no logar do Rio da Presa, e que havendo ahi uma pequena capellinha, ou alminhas, que impede o alargamento do caminho referido, prontificava-se, consentindo a Junta, sem dispendio algum do cofre da parochia. A Junta attendendo a que a mudança da capellinha em nada prejudica o sentimento religioso do povo e que a vantagem de assim ficar reconstruida de novo, pois que está actualmente em estado de ameaçar ruina, resolve concordar na mudança solicitada e encarrega o seu Presidente, como Parocho, a pedir ao Prelado Diocesano a auctorização que d'elle depende para tal mudança.»



A Bicha-das-Sete-Cabeças e a sua lenda são o «ex-libris» da nossa terra.

Faziam parte da comissão da Junta de Paróquia o Padre Celestino Pinto Ferreira, António da Rocha Guimbra, José António da Silva, Manuel Alves Pereira da Silva e Fernando Augusto Pinto de Menezes.

Onde se teria localizado as alminhas da Presa ?

As constantes referências feitas nos diversos documentos ao rio da «Presa» e no caso do documento acima ao «logar do Rio da Presa», levam-nos terminantemente a ter de afirmar que a localização das «Alminhas da Presa» ficava no largo dedicado à lendária Bicha-das-Sete-Cabeças, no lugar do Novo, e consequentemente ter de admitir que estaria ligada à invocação da mesma lenda.

O caminho onde estava localizada a dita «alminhas» foi

secularmente muito usado e referenciado como um dos caminhos de S. Tiago, por conseguinte caminho medieval. Por isso o caminho naquele ano de 1903 era ainda um dos principais e de condição municipal dado o estado exíguo da existência de estradas principais. O caminho era ainda usado no princípio do Século XX como via necessária à ligação com o norte, visto o caminho da Vila da Feira apenas fazer ligação com Espinho a poente, por um rudimentar caminho transversal, como dele já falamos.

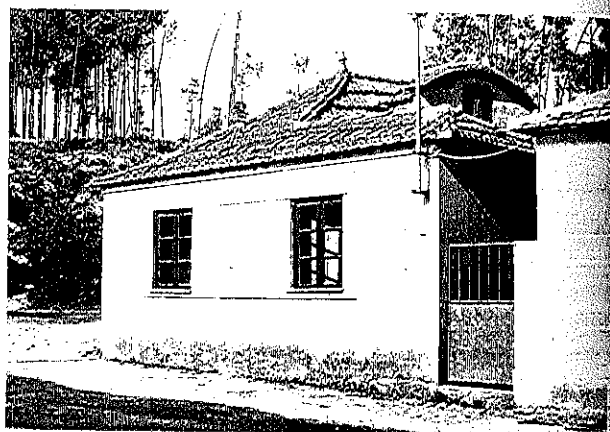
Ao ser feito o alargamento do caminho, as ditas alminhas que estariam mais junto ao leito do caminho, teriam sido deslocadas para mais perto dos edifícios rurais (se é que os havia) ou mais para junto das margens do rio, concertiza ficando sujeitas a que mais tarde fossem atingidas pelas cheias e assim se teria dado a sua total destruição, o que se julga tivesse ocorrido em finais da década dos anos 30. Gente da nossa geração ainda se lembram das «alminhas».

Também ainda nos lembramos que nos princípios dos anos 60 e antes de ser aberta a Rua Nova que faz a ligação directa com as duas igrejas, a de Anta e Silvalde, imediatamente a seguir à ponte velha, existia uma calçada em pedra, totalmente esventrada e de difícil trânsito, tanto para pessoas assim como animais, o que mais difícil se tornava em épocas invernosas. A calçada poderia estar ligada com o dito alargamento do caminho do «rio da Presa» naquele ano de 1903.

Bicha-das-Sete-Cabeças, qual a origem da misteriosa lenda?...

Ainda não foi possível, pelo menos nos arquivos paroquiais ou da Junta detectar qualquer documento antiquíssimo que registe o acontecimento que daria origem à lenda da Bicha-das-Sete-Cabeças. Os primeiros documentos que referem este topónimo, são registos de actas da Junta, mas que aparecem muito para aquém do começo deste Século.

No entanto, temos de continuar a consultar documentos que nos possam fornecer pistas de informação para uma averiguação, mais ou menos concreta, sobre esta lenda. Não devemos esquecer que existe a nível de todo o território o provérbio popular do «Bicho de sete cabeças!...



Será que de facto por estes sítios andou o monstro que ficou na «mitologia» de Silvalde

As narrativas sem datas e não confirmativas que nos falam da lenda...

Por acharmos que sendo já fastidioso estarmos mais uma vez a transcrever a lenda da história da «Bicha-das-Sete-Cabeças» que já tem corrido alguns tipos de edições, inclusivamente jornais ou trabalhos escolares, não deixamos uma vez mais nos dar ao trabalho de adiante o voltar a transcrever. As lendas aparecem narradas com falta de data de ocorrência, pelo que sempre são transmitidas como meras historietas que perpetuam nos tempos.

Até esta data não encontramos um único documento que durante a Idade Média ou épocas mais recentes fale da «Bicha-das-Sete-Cabeças», tanto no que refere ao aparecimento da bicha, assim como em toponímia. Mas também já afirmamos e voltamos a fazê-lo com toda a convicção de que naquele largo existiu umas «alminhas», cujo símbolo nos afirmam os velhos, era de facto um painel de madeira com a imagem pintada de uma bicha com aquele número de cabeças. Seria talvez esta a razão da mãe da miúda não querer que a filha olhasse para as alminhas.

A memória do povo já não recorda qual o motivo que levou à destruição da ermidezinha então existente naquele largo, mas de facto seria a enchente do rio como refere a lenda já contada e publicada constantemente.

Depois de ter sido derrubada a ermidezinha pela cheia, segundo nos disse o cidadão Manuel Fabiana, o painel foi colocado numa das paredes de uma velha casa que existiu no lado esquerdo do começo da subida das escadas dos Covelos e onde agora está um edifício moderno que, para a sua construção o fez dali retirar após o velho edifício ser demolido. O painel de madeira concertiza teria servido ainda de original para o modelo da edificação do painel-de-azulejo que se encontra na casa daquele largo, então propriedade do industrial silvaldense Manuel Maria Pereira Valente e que ali o mandou implantar, talvez entre as décadas de 30/40..

Manuel Valente foi industrial de panificação com estabelecimento nesta freguesia e segundo consta o negócio não prosperava, visto se atravessar a crise do conflito da guerra. Em certo momento da crise, o negócio começou a prosperar na venda do cereal de maior necessidade para a população, o milho, este transformado em farinha. Então o notável industrial com uma situação económica mais folgada, brilhantemente mandou executar o dito painel em

azulejo, tendo-o mandado colocar num dos seus edifícios, situado naquele largo.

Esta confirmação, primeiramente foi transmitida pelo cidadão Artur da Valga e seguidamente por outros cidadãos silvaldenses ou não naturais da freguesia, mas que naquela zona viveram. Para já temos que o painel de azulejo foi ali colocado numa data mais ou menos prevista, em meados do Século XX, o que fica registado para a posterioridade, caso o mesmo leve sumiço como o primeiro original, agora com o novo urbanismo acelerado.

O tradicional conto da lenda...

“Junto à Ribeira de Silvalde, nas proximidades de uma ponte que foi romana e que já não o é por obras e vontade da gente de outros tempos, existia um campo e dele tirava sustento uma mulher, com a força do seu suor e trabalho. E assim ela estava, como era hábito dos dias, quando viu em sua direcção aproximar-se bicho nunca visto, que só de cabeças tinha muitas, e de cujas intenções a mulher fez tal juízo que logo deitou a correr no meio de grande gritaria. E porque estas coisas do susto se pegam como pestes e maleitas, todos os que por aqui mourejavam, sem causa ou nome de tamanho alvoroço.

Com a noite ficou maior a cansaça e, apesar do acontecimento ter perturbado o sono de muitos mais alguns, acabaram todos por adormecer sobre os seus receios. Assim estava o povoado quando, altas horas da noite, o despertou súbito alarido, feito de balidos e cacarejos e tudo quanto é fala e canto de animais de criação, com mostras do grande medo. Acorreram todos a currais e capoeiras, mas nada mais viram que os despojos da confusão, entre animais degolados e feridos de morte certa, além de muito sangue espalhado pelo chão.

Foi assim que decidiram os camponeses que um deles ficaria a vigiar durante a noite, enquanto esperavam pelo nascer do sol para ver o que melhor conviria fazer. E porque se lembravam ainda do que a mulher tinha visto e contado, mais decidiram que o que fosse escolhido para vigiar tocava uma corneta para toda a gente chamar se algo de novo acontecesse.

Começava a aurora a render a noite, quando se ouvia a corneta e, como estava combinado, todos acorreram ao chamado. Então, o que de entre eles tinha escolhido para vigiar o sono de todos, lhe contou que vira uma bicha que só de cabeças tinha muitas, e que lhe tinha batido com um ancinho, mas que ela tinha logo fugido para a floresta vizinha, destruindo hortas e cultivos.

Ouvindo o que ora se contou, ajustaram os camponeses matar o monstro, pelo que se armaram de paus, varapaus, fouchinhas, ancinhos e o mais que à mão encontraram; e pelos campos fizeram batidas e no povoado esperaram dias e noites até que lhes aparecesse a bicha, o que veio a acontecer numa tarde cinzenta e chuvosa. Uns fugiram logo, mas outros atacaram com redobrada força, golpeando-a em vários sítios e órgãos, só se detendo quando a julgaram muito morta. Então um dos homens dela se aproximou, mas a bicha o fez pagar com a vida o seu atrevimento, golpeando-o no pescoço. Desta feita, sobre ela de novo caíram os camponeses e com outros tantos golpes a mataram de vez.

Contaram-lhe as cabeças e acharam o número de sete. Em seguida enterraram-na junto a um pilar da velha ponte romana e ali construíram uma capela para celebrar o acontecido.

Uma cheia do rio terá levado a capela. Hoje, resta uma pequena placa em azulejo a contar a lenda aos que ali passam.”

(Semanário Maré Viva n.º 399 de 12/7/1984)

Considerações à narrativa da lenda

Primeiramente temos de nos interrogar e perguntar onde teriam sido descobertos os documentos para fazer a compilação da leitura da narrativa da lenda. No conto da lenda o autor incógnito refere que a ocorrência do aparecimento da bicha se verificou «nas proximidades de uma ponte que foi romana e que já não o é por obras e vontade da gente de outros tempos». Perguntamos: Quais tempos, os muitos ancestrais ou os muito recentes quando foi reforçada a estrutura e preservação daquele monumento (a velha ponte), cujo objectivo dos membros da Junta, ao tempo presidida por Manuel Fabiana foi motivo de grande preocupação. Somos de opinião de que a ponte se não fosse reforçada já teria caído e portanto, não devemos criticar quem teve a louvável iniciativa.

Se a ponte era romana como se quer fazer crer, porquê refere a «Memória Paroquial de Silvalde» que no ano de 1758 apenas haviam três passadeiras no rio de Silvalde e não ponte alguma!... Teria sido destruída a dita ponte romana muitos séculos antes a este ano? Sabemos que os romanos deixaram edificadas pontes no território ibérico que perduram perpetuamente. O nosso rio não seria tão largo que não pudesse ser atravessado pelos romanos (caso eles tivessem por aqui passado) por simples passagens lageadas e idênticas às que refere a «Memória Paroquial de 1758». A não ser que o rio no tempo romano fosse tão largo como o vale escarpado em que está inserido, entre o Rotão e o Loureiro.

Por falta de documentos, teremos de considerar a ponte romana também como sendo uma lenda.

Monografia de Esmoriz, também refere a lenda da «Bicha-das-Sete-Cabeças»

Pois claro, temos que nos inclinar no assunto sobre as lendas e procurar fugir dos contos tradicionais, mas já cansativos sobre a lenda de Silvalde. Valha-nos que ao menos vamos mudar, não do mesmo assunto, mas sim de outra lenda que tem a originalidade de ser passada em Esmoriz, mas também com ligação a esta freguesia.

A narrativa também sem data de ocorrência está inserida na monografia «Esmoriz e a sua História», página 547, autoria do ilustre historiador Padre Aires de Amorim, cujo texto, com o mesmo título da nossa lenda, passamos a transcrever:

“Andavam dois irmãos a ceifar trigo, na cortinha do Carvalhal, na Casela, senão quando lhes apareceu uma bicha. Logo a irmã, aterrorizada, pediu ao irmão que a matasse. «Deixa ir a bichinha», lhe respondeu este, enquanto o réptil se escondia no valo. Passaram-se anos, e o ceifeiro emigrou para o Brasil. Um dia, roído de saudades, resolveu regressar ao Continente, tendo o navio sido capturado pelos piratas mouros e aprisionado com os companheiros. Na sua vida de refém, algo de extraordinário agora ia notando: todos os dias encontrava a cama feita e a mesa posta, o que não acontecia com os companheiros. Certa ocasião, tendo encontrado uma mulher a fazer-lhe tais serviços, perguntou-lhe por quê tais desleves. E logo ouviu: «mereces isto e muito mais, porque me poupaste a vida... Lembras-te daquele dia em que tua irmã te chamou para me matares e disseste deixasse ir a bichinha para o valo? Pois era eu aquela bichinha... Descansa, breve ficarás em terra!» Deu-lhe, em seguida, um cinto, um micho (pão trigo), com quatro perninhas e uma buzina, para tudo fazer entrega à Bicha das Sete Cabeças, em Silvalde.

Quando voltou a Portugal, a irmã, curiosa e cobiçosa, roeu um pouco do micho. A encomenda não demorou a ser entregue à Bicha, em Silvalde. Logo esta, que era uma mulher, tocou a buzina, o micho transformou-se num burro de três patas, que cavalgou, e o cinto mandou o desse à irmã. O emigrante, cheio de medo pelo que tinha presenciado, enleou-o num carvalho, que se desenraizou e desapareceu.”



Painel mural dedicado às Alminhas existente na residência paroquial

Quais os comentários a fazer a esta lenda que concerteza vai de novo chamar a atenção dos estudantes do nosso concelho, visto este ser tema externo mas que se prende com a lenda de Silvalde. Primeiramente começamos por observar que a lenda se refere ao tempo dos piratas mouros. Segundo, perguntamos se naqueles tempos já haviam emigrações para o Brasil, como fez o homenzinho que salvou a bicha de morrer antes de emigrar. Terceiro é que esta lenda pelo menos já refere uma época (a mourisca), o que não acontece com a lenda local.

É muito tradicional todas as terras de origem rural ter a sua lenda, estas sempre ligadas a mouras encantadas. Acharmos graça a uma conversa que tivemos com a velhinha Maria do Bolera quando ela nos falou de uma «moira encantada» que diz chegou a ver com outras pessoas quando andava à frente da soga do carro de bois em S. Félix da Marinha. Disse-nos então a simpática «besoura» que ia a passar por um pinhal daquela freguesia juntamente com um seu primo, e então deparou com gente que rodeado um poço e dentro dele estava uma mulher que era metade humana e metade de bicha. Esta dentro do poço suplicava que lhe dessem um beijo no céu da boca para que fosse desencantada e quem o fizesse receberia uma «grade de ouro». A mulherzinha com grande convicção e para me fazer acreditar disse que vira de facto o fenómeno, mas que o beijo

esse nunca foi dado porque tudo tinha «caganço». Também ouvimos dizer que um homenzinho que foi conhecido pelo Esfolo viu uma moira em Silvalde.

Todos os contos das lendas ancestrais correrão através dos séculos e é com estas afirmações que nós historiadores temos de ter muita cautela e cuidado com a informação futura, pois em caso contrário e enquanto houverem bosques nas povoações teremos de andar eternamente à procura das «grades de ouro».

Só temos que agradecer ao erudito Padre Aires de Amorim por ter publicado aquela narrativa no seu livro, que pelo menos assim nos dá matéria nova sobre o assunto. Esta história só pode ter sido transcrita dos livros de leitura muito antigos, cujos temas instrutivos notavelmente são exemplos como estes, sempre recheados de histórias e feitos heróicos ou de bons exemplos. Alguns destes exemplos estão transcritos no tema dedicado às Escolas.

Conclusão

Não temos quaisquer dúvidas que o lugar chamado de Presa (antigamente a qualquer sítio chamavam lugar) era de facto no lugar do Novo, mais concretamente nas imediações da velha ponte arcada. Pelas leituras dos documentos achamos que os leitores estarão de acordo.

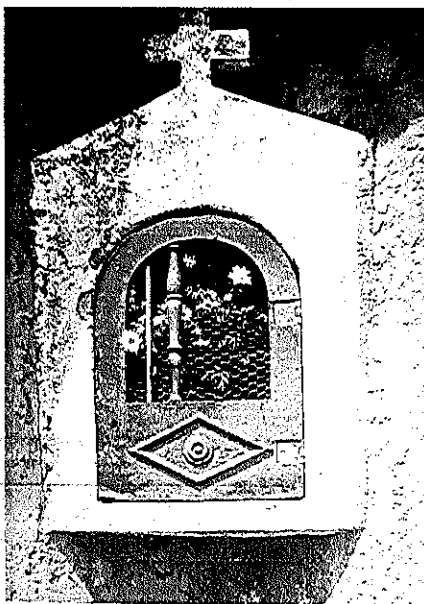
Ancestralmente e já desde a Idade Média todos os caminhos eram temidos por quem os percorria, nomeadamente nas debandadas para Compostela. Não era por acaso que certas gentes medievais antes de iniciar as viagens de peregrinação ou outras, por vezes faziam testamentos de doações porque as pessoas estavam sempre receosas que fossem saqueadas e mortas durante as viagens que faziam a pé ou montadas. O caminho de Silvalde estava na rota das peregrinações compostelanas medievais, e portanto seria caminho considerado perigoso, como ainda à poucas décadas era considerada a «carreira da Noa» (actual Rua de N.ª S.ª das Dores). Todo o mundo via nesta antiga carreira «cobras e lagartos» e tudo temia por lá passar, principalmente de noite.

Será que o caminho do «Rio da Presa» estaria também rotulado de perigoso e o povo viria nele um «bicho-de-sete-cabeças» e assim teria dado origem ao nascer da lenda?...

Até não termos documentos que comprovem o contrário, teremos de considerar tudo isto como presumíveis conjecturas. Agora só nos falta procurar qualquer documento com data antiga que faça referência ao topónimo da «Bicha-das-Sete-Cabeças» para assim chegarmos a uma conclusão mais detalhada. Contudo, sobre esta matéria, na narrativa esmorizense julgamos ter algo de novidade.



Alminhas da Rua das Pedreiras simbolizam Cristo crucificado



Alminhas da Rua dos Outeiros (exterior). Ao lado, o «Purgatório» simboliza as mesmas alminhas.

O mito da lenda da «Bicha-das-Sete-Cabeças» na freguesia de Silvalde jámais poderá ser dissipado, mesmo tendo em conta a origem duvidosa, porque este património de credence popular será eternamente o símbolo emblemático de Silvalde, por conseguinte o «ex-libris» da nossa terra.

As alminhas ainda existentes

A devota credence de raiz do povo jámais será difícil de ser apagada, e por conseguinte sempre se vão mantendo algumas tradições muito ancestrais e transmitidas por gerações infinitas. É possível que em tempos idos na freguesia teria havido maior número destes pequenos nichos, os quais através de imagens religiosas simbolizavam as chamadas «Alminhas».

De todas as alminhas por nós reconhecidas em Silvalde, as que já não existem e ainda as existentes actualmente, ficavam nas margens dos caminhos, pelo motivo de que algumas tiveram de ser mudadas para alargamentos das ruas. Por vezes o povo passante junto a elas faziam uma pausa e em acto de prece oravam, dando sempre como oferta uma esmola monetária. Felizmente, ainda existem na freguesia três nichos que

correspondem a outros tantos pequenos monumentos.

Começando pelo sul, o primeiro está edificado no muro da residência paroquial e ladeia a Estrada de S. Tiago. Simboliza as Almas do Purgatório num painel de azulejo.

Outro existe na Rua das Pedreiras em propriedade particular que foi então pertencente aos «Castelas». Gentinha que conheceu estas alminhas dizem que elas ficavam mais dentro do caminho, eram de porte físico maior e no seu interior havia outra imagem que não era a actual.



Na Rua dos Outeiros, também em propriedade privada que foi do lavrador José da Valga e agora pertencente a Marcelino da Bica, nas paredes exteriores do prédio lá está outro pequeno nicho. Este nicho também era de porte maior, ficava no mesmo sítio e assente no chão.

Um pouco mais acima, na Rua do Pinhal Novo e em propriedade privada pertencente à Rosa do Duarte, existe nas paredes exteriores o mesmo tipo de devoção. Este fica em frente da entrada da Rua das Cavadas que liga com a Cetap e também já foram primitivamente de maior porte físico. Ao ser perguntado à proprietária qual o motivo da invocação das mesmas, respondeu que antigamente os caminhos eram muito perigosos e elas defendiam as pessoas do mal através da oração.

À face da actual Rua 33, também existiram umas alminhas da qual a capelinha ficava junto à casa da família «Soares» no roteiro do que foi chamado caminho do Porto. Era também uma capelinha de razoável porte, tipo «Via Sacra» e que teve de ser demolida para dar alargamento à Rua 33. Teria sido esta ermidezinha que teria tido como devoto Santo Antão que daria o nome ao caminho das «Alminhas» em Anta, a que já nos referimos, e que tem evocação de memória no dia 17 de Janeiro.

Curiosamente, verificamos a maioria dos nichos existentes e até mesmo os já não existentes ficavam localizados a norte de Silvalde. Tudo indica que eles tivessem ligação com os antigos caminhos a terras nortenhas e por junto deles passassem todo o tipo de peregrinos e viandantes. As nossas alminhas dão indícios de que eram edificadas nos principais caminhos antigos, alguns dos quais seriam autênticas e perigosas encruzilhadas.

*As Alminhas
do Pinhal Novo
simbolizam o «Purgatório»
e Cristo crucificado*



*A ermidezinha das «Alminhas da Presa» que simbolizavam a «Bicha-das-Sete Cabeças»
na última fase de localização, ficaram no sítio assinalado pela seta*